Unindo Blocos, Construindo Equidade: O Papel em Evolução do Movimento dos Não-Alinhados na Diplomacia da Saúde Global

Uniendo bloques, construyendo equidad: el papel en evolución del Movimiento de Países No Alineados en la diplomacia de la salud global

Uniting Blocs, Building Equity: The Evolving Role of the Non-Aligned Movement in Global Health Diplomacy

Regina Ungerer

Fundamentos Históricos: Descolonização e Não-Alinhamento

Em 1961, em meio à polarização ideológica da Guerra Fria, líderes de 25 nações reuniram-se na 1ª Conferência de Países Não-Alinhados em Belgrado, Iugoslávia. Na ocasião, o Movimento dos Países Não-Alinhados (MNA) foi estabelecido sobre um princípio central: navegar nas relações internacionais sem aderir a blocos de grandes potências, ao mesmo tempo em que se opunha ao imperialismo, ao colonialismo e às desigualdades estruturais.

A 1ª Conferência do Movimento dos Países Não-Alinhados, realizada entre 1 e 6 de setembro de 1961, é considerada um dos momentos definidores da diplomacia do século XX. O evento ocorreu em um contexto de extrema tensão geopolítica. A Guerra Fria estava em seu auge com a Crise de Berlim (a construção do Muro havia começado semanas antes, em agosto de 1961) e o reinício dos testes nucleares pela União Soviética no próprio dia da abertura do encontro.

A cúpula reuniu chefes de Estado e de Governo de 25 países (além de três observadores da América Latina: Bolívia, Brasil e Equador), organizados e liderados por figuras como o marechal Josip Broz Tito (Iugoslávia), Jawaharlal Nehru (Índia), Gamal Abdel Nasser (Egito), Sukarno (Indonésia) e Kwame Nkrumah (Gana).

O Que Foi Acordado: Declaração de Belgrado

O resultado formal da cúpula foi a **Declaração de Belgrado**, um documento focado em rejeitar a lógica bipolar da Guerra Fria e estruturar os princípios do então chamado Terceiro Mundo na cena internacional:

- *Rejeição aos Blocos Militares:* Os países participantes concordaram em não aderir a alianças militares bilaterais ou regionais vinculadas às superpotências (como a OTAN ou o Pacto de Varsóvia) e condenaram a presença de bases militares estrangeiras em seus territórios.
- *Apoio Incondicional à Descolonização:* Compromisso de apoiar movimentos de libertação nacional contra o colonialismo, o neocolonialismo e o *apartheid* (a delegação da Argélia, que ainda lutava contra o domínio francês, foi reconhecida formalmente na conferência).

- *Coexistência Pacífica e Desarmamento:* Apelo pelo fim imediato dos testes nucleares e pelo desarmamento geral sob controle internacional. Os líderes enviaram cartas formais aos presidentes John F. Kennedy (EUA) e Nikita Khrushchev (URSS) pedindo a retomada direta de negociações de paz.
- *Democratização e Reforma das Nações Unidas***:** Defesa da expansão dos órgãos decisórios da ONU (como o Conselho de Segurança e o ECOSOC) para refletir o aumento de novos estados-membros saídos da descolonização na África e na Ásia.

Divergências e Tensões Internas

Embora o grupo compartilhasse o desejo de soberania, a conferência expôs divergências ideológicas e estratégicas marcantes entre seus líderes.

- ***Prioridades Estratégicas (Desarmamento vs. Anticolonialismo)***

O *Bloco Moderado* (liderado por Nehru — Índia) argumentava que a prioridade máxima deveria ser a manutenção da paz global, a mediação da Guerra Fria e a prevenção de uma guerra nuclear, sob o risco de a destruição planetária tornar todas as outras lutas irrelevantes.

O *Bloco Radical* (liderado por Sukarno [Indonésia], Nkrumah [Gana] e Modibo Keïta [Mali]) sustentava que o verdadeiro inimigo imediato era o imperialismo e o neocolonialismo ocidental. Para esse grupo, o foco do MNA deveria ser a liquidação do colonialismo, inclusive por meios armados, se necessário.

Neutros vs. Anti-Ocidentais — Existia uma tensão entre países que defendiam uma neutralidade equidistante em relação a Washington e Moscou (como a Índia e a Iugoslávia) e nações com alinhamentos ideológicos mais próximos ao bloco socialista (como Cuba), que via os Estados Unidos como o principal agressor imperialista.

Testes Nucleares Soviéticos — O anúncio da URSS de retomar os testes de armas nucleares no primeiro dia do evento colocou a conferência em um dilema. Enquanto os líderes condenaram publicamente as armas nucleares em termos gerais, o bloco radical evitou criticar abertamente o governo soviético pelo momento do anúncio, gerando frustração em delegações mais moderadas e críticas no Ocidente.

31 de agosto a 1 de setembro de 2026 – 65 anos depois...

Seis décadas e meia depois, Belgrado — hoje capital da Sérvia — voltou a sediar uma reunião comemorativa de alto nível para marcar o 65º aniversário da cúpula fundacional do MNA. Reunindo o núcleo histórico do movimento ao lado de seus líderes atuais, o encontro serviu como um lembrete de como os princípios do não-alinhamento continuam a moldar os assuntos internacionais contemporâneos, particularmente na saúde global e na diplomacia multilateral.





O MNA na Governança Contemporânea da Saúde Global

Embora focado originalmente na soberania política e na neutralidade geopolítica, o papel do MNA expandiu para se tornar um bloco crítico de votação e negociação no âmbito das Nações Unidas e da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Composto por 120 estados-membros, representando mais de 60% dos membros da ONU e cerca de dois terços da população mundial, o movimento exerce grande influência coletiva nas negociações globais de saúde.

Principais Contribuições Diplomáticas do MNA

Equidade em Saúde e Acesso a Insumos Médicos: Durante crises de saúde pública, os estados-membros do MNA frequentemente se organizam para desafiar regimes de propriedade intelectual, proibições de exportação e o acúmulo de vacinas por nações de alta renda. Sua pressão coletiva tem sido crucial para defender centros regionais de fabricação, transferência de tecnologia e interpretações flexíveis do Acordo TRIPS (Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio).

Fortalecimento do Regulamento Sanitário Internacional (RSI) e Tratado sobre Pandemia: Em negociações internacionais de saúde, como a criação de tratados de preparação para pandemias, o MNA tem atuado como um contrapeso às prioridades do Norte Global. Os delegados do MNA defendem de forma consistente compromissos vinculantes em relação ao acesso equitativo, à partilha de benefícios de dados genéticos e ao financiamento sustentável para a infraestrutura de saúde em países em desenvolvimento.

Cooperação Sul-Sul em Saúde: Para além das negociações multilaterais, o MNA tem facilitado a cooperação direta em saúde entre países em desenvolvimento. Isso inclui capacitação médica transfronteiriça, mecanismos de aquisição conjunta, respostas humanitárias de emergência e pesquisas em saúde pública projetadas especificamente para o contexto de países de baixa e média renda.

Principais Pontos para Estudantes de Saúde Global e Diplomacia

Área da Diplomacia	Foco na Guerra Fria (1961)	Foco Moderno (Presente)
Objetivo Principal	Soberania política e anticolonialismo	Soberania em saúde e equidade econômica
Estratégia de Negociação	Recusa de alinhamento com os blocos dos EUA ou URSS	Bloco unificado de votação em órgãos da ONU/OMS
Prioridades em Saúde	Infraestrutura básica e controle de doenças infecciosas	Equidade em vacinas, flexibilidades do TRIPS, preparação para pandemias

À medida que a multipolaridade volta a caracterizar a política global, os princípios do não-alinhamento permanecem fundamentais. Para os futuros estrategistas de saúde global, compreender o Movimento dos Países Não-Alinhados é essencial para navegar em negociações internacionais, reconhecer dinâmicas estruturais de poder e construir políticas globais de saúde mais equitativas.